

## AS NECESSIDADES DE FORMAÇÃO DOS TREINADORES DE BASQUETEBOL

Goran Nogic<sup>1</sup>, Luís Carvalhinho<sup>1,2</sup>, Pedro Sequeira<sup>1,3</sup> & Rui Resende<sup>4,5</sup>

<sup>1</sup>Instituto Politécnico de Santarém, Escola Superior de Desporto de Rio Maior

<sup>2</sup> Centro de Estudos em Educação, Tecnologia e Saúde (CI&DETS)

<sup>3</sup>Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV)

<sup>4</sup>Instituto Universitário da Maia (IUM)

<sup>5</sup>Grupo Investigação Adaptação, Rendimento e Desenvolvimento Humano (GIARDH)

### RESUMO

Os modelos da formação de treinadores de desporto têm sido, nos últimos anos, um dos temas mais discutidos no desporto. É possível verificar inúmeras análises e propostas para os diferentes modelos de formação, por parte de investigadores nacionais e internacionais, provenientes de diferentes modalidades desportivas. Estes estudos, tal como o presente, tem como objetivo detetar as prioridades necessárias para um modelo ideal de formação, com o qual podia ser elevado o nível de conhecimentos e das competências dos treinadores.

Para este efeito aplicou-se um questionário a treinadores de basquetebol em Portugal sobre o Programa Nacional da Formação de Treinadores, e que versava as competências apresentadas nas dimensões dos “Saberes”, “Saberes-Fazer” e “Saberes-Ser” dos referenciais de formação geral de Grau I, II e III. Os resultados obtidos através da auto-perceção e da valorização de competências para cada um dos Graus, demonstraram que existem necessidades de formação em todos os grupos de treinadores. Por outro lado, foi possível identificar que, os treinadores mais qualificados, ou seja, de maior grau profissional, apresentam necessidades de formação também diferenciadas ao nível das competências profissionais no domínio dos diversos “saberes”.

**Palavras Chave:** Modelo de Formação, Auto-perceção de Competências, Necessidades de Formação, Conhecimento, Treinador, Basquetebol

## **ABSTRACT**

Training model for sport coaches have been in recent years, one of the most discussed topics in sports. You can check numerous analyzes and proposals for the different training models, by national and international researchers from different sports. These studies such as the present, aims to detect the priorities necessary for optimal training model, with which it could be the high level of skills and knowledge of the coaches.

For this purpose we applied a questionnaire to basketball coaches in Portugal on the National Program Coach Education, on the skills presented in the dimensions of "Knowledge", "Knowledge-doing" and "Knowledge-behaving" of general training standards on Grade I, II and III. The results obtained through self-perception and the development of competences for each of the grades, showed that there are training needs in all coaches groups. On the other hand, it observed that the most qualified coaches and more professional level, have training needs also differentiated in terms of professional skills in several of the "knowledge".

**Keywords:** Training Model, Competence Self-Perception, Training needs, Knowledge, Coach, Basketball

## **INTRODUÇÃO**

A formação dos treinadores é hoje em dia, um tema muito explorado tanto pelas próprias instituições que prestam serviços de formação como pelos próprios treinadores. Há uma pluridimensionalidade de competências relativas à função de um treinador. A sua formação deve estar profundamente atenta e as suas transformações socioculturais modernas e pós-modernas têm de ser acompanhadas (Figueiredo, 1997). Em paralelo, há uma tendência de unificar a formação e a graduação do nível de formação dos treinadores tanto ao nível nacional como internacional.

Estudos efetuados no âmbito das representações dos treinadores, têm contribuído para o melhor conhecimento da intervenção profissional destes profissionais (Resende, Mesquita & Romero, 2007; Fraayenhoven, 2010; Nash & Sproule, 2009; Resende, Fernández & Mesquita, 2011; Rynne & Mallett, 2012). Por outro lado, os estudos de Williams e Kendall (2007), Santos, Mesquita, Graça e Rosado (2010), Resende (2011), analisaram a auto-perceção dos treinadores sobre o seu nível de

formação e competências profissionais. Numa outra vertente, Santos (2009), Mesquita, Borges, Rosado e Batista (2012), estudaram as necessidades de formação em função de diferentes variáveis, como por exemplo, nível de habilitações, nível de qualificação profissional (Grau de Treinador), anos de experiência, escalão com o qual se trabalha neste contexto socioprofissional. Ainda em relação à temática da formação de treinadores, Saiz e Calvo (2009), incidiram o seu estudo sobre a evolução dos modelos de formação, tendo em conta a nova estruturação regulamentar da profissão e a utilização de novas metodologias de formação, p.e., através da formação à distância, Internet, *e-learning* ou *mentoring*.

De acordo com Sullivan, Paquette, Holt e Blomm (2012), a liderança pode ser entendida como um conjunto de processos que tem a capacidade de seduzir ou influenciar um grupo para determinados momentos. Um líder, numa interação social ou num grupo, deverá ser aquele que tem a maior capacidade de influenciar o modo de comportamento que as pessoas devem adotar.

A formação dos treinadores poderá ser talvez, uma das mais importantes áreas de desenvolvimento no contexto dos treinadores de desporto. Formar treinadores significa formar futuros formadores de atletas.

Quando, hoje, se reflete sobre a formação de treinadores, não deverá ser tanto, a sua pertinência que é equacionada, mas os modos de a concretizar. Apesar de não existirem estudos de avaliação do atual sistema de formação de treinadores, os diversos modelos têm evidenciado uma verdadeira incapacidade de melhorar significativamente quer a formação científica quer as competências profissionais dos treinadores (Rosado & Mesquita, 2007). De qualquer modo, os programas de formação de treinadores têm sido desenvolvidos em muitos países, e são apresentados como um papel fundamental no desenvolvimento dos treinadores para a promoção de elevados padrões de intervenção (Stoszkowski & Collins, 2012).

Para Figueiredo (1997), a formação de treinadores deve conseguir, em algumas modalidades, dar o salto da cientificidade dos seus cursos de qualificação (formação inicial).

Num estudo realizado com um treinador (*Expert*) de basquetebol (Selecionador Nacional de Seleção Sub-16 masculina), e com o intuito de perceber como um *Expert* desenvolve os seus conhecimentos e as suas fontes de conhecimento, conclui-se que

os cursos são muito de caráter geral e que a formação do treinador depende, principalmente, do próprio treinador, e se este pretende investir na constante ampliação da sua base de conhecimentos. Como fontes mais comuns da formação de treinadores, este *Expert* referiu as ações de formação, os cursos de reciclagem e o contacto com treinadores mais experientes, tanto de caráter informal ou em regime tutorial (Lopes, 2009).

Para reforçar melhor esta última afirmação, podem servir os resultados do estudo realizado por Saiz e Calvo (2009), com a participação de 16 treinadores especialistas de basquetebol, entre eles, campeões mundiais, campeões da Europa e campeões do “*Asociación de Clubs de Baloncesto (ACB)*”, indicando o *mentoring* como uma maneira fundamental para a formação de formadores. Aqui registaram ainda que o *mentoring* informal é muito mais do que uma mera transmissão de conhecimentos.

Um outro estudo, realizado na Austrália, em que pesquisaram as necessidades de treinadores no nível de elite, evidenciou que estes têm maior necessidade em adquirir conhecimentos ligados à psicologia e à atuação direta no campo (Williams & Kendall, 2007).

Paralelamente ao investimento que tem sido feito na formação inicial (cursos) e contínua dos treinadores (ações) existe, ultimamente, a promoção de um enquadramento técnico da qualidade nas seleções nacionais que ao nível nacional podem acompanhar e coordenar a formação dos treinadores (Figueiredo, 1997).

Noutro contexto socioprofissional, um estudo realizado com 45 de treinadores de cinco desportos de natureza (Carvalhinho, Rodrigues, Nunes & Rosa, 2014), permitiu identificar as competências profissionais de maior necessidade de formação. Estas estavam relacionadas com os aspetos de segurança, nomeadamente, no domínio dos primeiros socorros e socorrismo.

Na mesma linha de pesquisa, sobre a temática das competências profissionais, os resultados do estudo de Mesquita, Isidro e Rosado (2010), realizado com 336 treinadores portugueses de 22 desportos, evidenciaram que os treinadores perceberam que o conhecimento do treinador pode ser construído através uma ampla gama de fontes da formação, iniciando aprendizagem com fontes do tipo formal, informal e não-formal.

Os resultados indicaram que os treinadores atribuem mais importância às fontes experienciais trabalhando com especialistas e aprendendo-fazendo, interagindo com os outros treinadores e participando assim nos seminários e *clinics* informais, de que participando nos seminários e *clinics* certificados e formais (Mesquita et al., 2010).

Na Associação de Basquetebol de Porto (ABP) foram Inqueridos 40 treinadores do sexo masculino que tiveram três níveis da formação. Os treinadores referiram que não estão completamente satisfeitos com os conteúdos que os cursos abordaram, indicando que, para eles, os conteúdos da metodologia e didática, de técnica e tática, e as competências ligadas à fisiologia e pedagogia são mais importantes de que outras que foram lecionadas (Santos, 2005). Este mesmo autor dando sequência à investigação realizada (Santos, 2009) e com a colaboração de 343 treinadores, evidenciou a valorização de cinco áreas de conhecimentos e competências e: (1) planeamento anual e plurianual; (2) liderança e formação dos treinadores; (3) planeamento e orientação das competições; (4) aspetos pessoais e orientação do treino; (5) necessidade de competências ligadas à metodologia do treino. Assim os treinadores deste estudo demonstraram a necessidade de ter uma formação multidisciplinar, em que os mais experientes atribuíram maior importância à aquisição de conhecimentos, mas ao mesmo tempo, revelaram menos necessidades de formação.

Um outro estudo realizado com treinadores de Basquetebol do distrito de Aveiro, relativo à auto-perceção, competências e necessidades de formação, demonstra que os treinadores se sentem mais aptos nos conhecimentos e competências de treino e nos itens que envolvem tarefas de curto prazo (Andrade, 2009). Por outro lado, os treinadores sentem-se menos aptos nos conhecimentos e competências ligadas à formação e de gestão do desporto. Ainda no mesmo estudo, verificou-se que os treinadores com maior nível de formação federativa e com mais anos de experiência na profissão, valorizam mais os conhecimentos e competências profissionais, mas ao mesmo tempo apresentam menos necessidades de formação nos conhecimentos.

O estudo de Sullivan, Paquette, Holt e Bloom (2012), efetuado com 172 treinadores de equipas jovens, analisou a relação entre o nível de formação de treinadores e a eficácia no processo de treino. Neste caso, a formação dos treinadores afetou

significativamente o perfil multidimensional do treinador, destacando a importância da formação de treinadores para melhorar a eficácia de treino dos jovens atletas.

Na modalidade de andebol também foi efetuado um estudo com 207 treinadores portugueses, onde se analisou a percepção de auto-eficácia dos mesmos e o reconhecimento das necessidades relacionadas com as competências em função da sua experiência, nível técnico certificado e formação académica. Os treinadores reconheceram as necessidades de formação em quatro áreas principais: (1) planeamento e orientação dos treinos e competição; (2) planeamento plurianual; (3) gestão de carreiras desportivas e educação; (4) treino na área de liderança. No mesmo estudo, foi ainda possível identificar que a percepção de auto-eficácia dos treinadores foi influenciada pelo seu nível de certificação, formação académica e experiência como treinador (Mesquita, Borges, Rosado & Batista, 2012).

Santos, Mesquita, Graça, e Rosado (2010), referem no seu estudo que, as percepções dos treinadores sobre a sua formação, é influenciada pela sua experiência, na maneira que os treinadores com pouca experiência se classificaram em níveis mais baixos ao nível das suas competências e com maiores necessidades de formação. No mesmo estudo os treinadores com formação mais elevada, principalmente em Educação Física, valorizaram-se como mais competentes do que os treinadores sem ensino superior.

Um interessante estudo realizado com seis treinadores australianos do *State Institute of Sport* (SIS), profissionais experientes com 23 anos de *coaching*, demonstrou que estes treinadores não estavam bem preparados para completar uma variedade de tarefas que lhes são exigidas no ambiente SIS (Rynne & Mallet, 2012). A maioria dos treinadores indicou ter necessidades de formação, e que esta poderá trazer um retorno positivo para a sua própria formação e para os seus jogadores. Por isso Santos et al. (2010) refere que os treinadores estão interessados em aumentar os seus conhecimentos e competências numa ampla gama de áreas que devem ser consideradas em futuros programas de formação de treinadores.

Por fim, podemos constatar também, que atualmente é possível adquirir formação através da Internet e de outras fontes semelhantes, que permitem aos treinadores de todo o mundo obter uma formação internacional (Fraayenhoven, 2010).

## METODOLOGIA

### Caracterização dos participantes

Participaram neste estudo 119 treinadores, dos quais 85% do género masculino e 15% do género feminino, da Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol (ENTB) e da Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol (ANTB).

Segundo Freixo (2011), o tamanho da presente amostra ( $n=119$ ) representa a população de 172 treinadores, uma vez que estão presentes cerca de 70% dos treinadores membros de ANTB. Os treinadores foram divididos em três grupos de acordo com o grau da sua cédula de treinador:

**Quadro 1. – Caracterização dos participantes**

Treinadores	Amostra (nº total)	%	Género Masculino	%	Género Feminino	%	Idade (Média)	Anos de Experiência
Grau I	42	35.3%	29	69.1%	13	30.9%	33.8	7.4
Grau II	46	38.6%	41	89.1%	5	10.9%	35.9	13.3
Grau III	31	26.1%	31	100%	0	0%	45.3	23.1
<b>Total</b>	<b>119</b>	<b>100%</b>	<b>101</b>	<b>84.9%</b>	<b>18</b>	<b>15.1%</b>	<b>35.9</b>	<b>13.8</b>

A maioria dos treinadores são do género masculino (84.9%), não existindo treinadoras de Grau III. Os treinadores com Grau III apresentam uma média de idades muito superior e com maior experiência em relação aos treinadores de Grau I e II.



**Figura 1 - Distribuição geográfica dos participantes**

Os distritos mais representados são Lisboa (n=33) e Porto (n=17), com maior prevalência para os distritos junto à costa litoral e de maior densidade populacional.

No quadro seguinte podemos observar o nível de habilitações, o tipo de curso e a profissão principal dos treinadores inquiridos.

**Quadro 2: Caracterização dos participantes ao nível académico e profissional**

Treinadores	Habilitações Literárias				Tipo de Curso		Profissão Principal			
	12º ano	Licenciatur	Mestrado	Doutoram/.	Desporto	Outro	Treinador	Professor	Outra	Desempr.
Grau I	14	20	7	1	13	23	3	11	25	2
Grau II	13	27	6		27	12	2	19	23	3
Grau III	9	18	3	1	18	9	12	11	9	
%	30.2%	54.7%	13.4%	1.7%	56.9%	43.1%	14.2%	34.2%	47.4%	4.2%
Total	36	65	16	2	58	44	17	41	57	5

A maioria dos treinadores (69.8%) têm formação académica superior (licenciatura, mestrado ou doutoramento), embora 43.1% não esteja associada às ciências do desporto. Em termos profissionais, 47.4% dos treinadores têm uma profissão principal fora do âmbito do desporto.

## **Variáveis**

### **Variáveis Dependentes**

As variáveis dependentes correspondem às competências definidas nos Referenciais de Formação Geral (RFG) do Programa Nacional da Formação de Treinadores (PNFT), do Instituto Português da Juventude e Desporto (IPDJ).

Neste sentido, as variáveis foram agrupadas em três grandes dimensões, i.e., (1) Dimensão de Competências associadas aos "Saberes"; (2) Dimensão de Competências associadas aos "Saberes-Fazer"; (3) Dimensão de Competências associadas aos "Saberes-Ser".

### **Variáveis Independentes**

Os dados referentes às variáveis dependentes (definidos no ponto anterior) foram analisados em função da variável independente: Nível de Licença – Grau de Treinador.

### **Instrumento**

O instrumento de medida utilizado foi o questionário, com o qual se pretendeu recolher os dados, através da opinião dos treinadores acerca das competências profissionais estipuladas no “Programa Nacional de Formação de Treinadores – Referenciais da Componente de Formação Geral” (PNFT-RCFG) para o exercício da função de treinador. O questionário foi composto por quatro partes: i) Caracterização pessoal e socioprofissional; ii) Auto-perceção e Importância das Competências “Saberes”; iii) Auto-perceção e Importância das Competências: “Saberes-Fazer”; iv) Auto-perceção e Importância das Competências: “Saberes-Ser”. Para obter os resultados em relação às necessidades de formação dos treinadores foi calculado o diferencial entre a valorização e a auto-perceção das competências. As respostas foram efetuadas através de uma escala de *likert* de cinco valores, em que (1) significava “nenhum” e (5) significava “muito”.

### **Procedimentos**

Os questionários foram distribuídos através de Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol (ENTB) e Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol (ANTB). Após preenchimento, os mesmos foram enviados por correio eletrónico. Depois desta fase, os dados foram codificados e inseridos numa base de dados (SPSS).

Os dados foram analisados através das três dimensões de variáveis dependentes (anteriormente definidas) e da variável independente do Grau de Treinador.

Foi utilizada a análise descritiva de forma a identificar os resultados mais relevantes, através dos valores médios por grupo de competências e por Grau da licença dos treinadores. Para identificar as principais necessidades de formação dos treinadores, utilizou-se também uma análise descritiva e comparativa não-inferencial.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os quadros seguintes permitem apresentar um conjunto de resultados, onde será possível identificar e destacar as necessidades de formação mais relevantes, quer em

termos globais dos diversos grupos de treinadores, quer em termos mais específicos nas diversas dimensões de competências profissionais.

**Quadro 3: Valores médios das Competências por Grau de Treinador**

<b>Dimensões de Competências</b>	<b>Grau I</b>	<b>Grau II</b>	<b>Grau III</b>
Competências "saberes" – auto-perceção	4.07	3.81	4.03
Competências "saberes" - importância	4.49	4.49	4.44
Competências: “saberes-fazer” – auto-perceção	4.18	4.01	3.78
Competências: “saberes-fazer” - importância	4.61	4.60	4.40
Competências "saber ser" – auto-perceção	4.46	4.36	4.18
Competências "saber ser" - importância	4.73	4.67	4.56

Assim, verifica-se que os treinadores de Grau I, II e III, atribuem valores médios mais elevados de valorização das competências, em comparação com a auto-perceção das mesmas competências. Isto significa que, em todos os grupos de competências, existe uma efetiva necessidade de formação para os três grupos de treinadores. Também Rynne (2012) e Santos *et al.* (2010), realçam a importância para a formação ao longo da carreira dos treinadores desportivos, como um dos fatores essenciais na melhoria da sua intervenção.

A dimensão de competências associadas aos “Saberes-Ser”, em todos os Graus de treinadores (I, II e III), obteve os maiores resultados médios, quer ao nível da auto-perceção (onde julgam possuir melhor competência) quer ao nível da importância (onde atribuem maior valorização). Por outro lado, de um modo geral, os treinadores de Grau III tendem a atribuir menores valores de auto-perceção e de importância das competências, quando comparados com os outros treinadores de Grau I e II nas mesmas dimensões de competências. Esta tendência poderá explicar que, quanto maior for o Grau de treinador, menor será o seu nível de auto-perceção e menor será a importância atribuída às respetivas competências. De acordo com Lopes (2009), a maior consciência sobre o fenómeno da intervenção profissional e a influência da componente pessoal por parte dos treinadores mais experientes, poderá ter justificado também esta tendência.

Por outro lado, ao nível das necessidades de formação, verifica-se que o menor diferencial encontra-se na dimensão das competências de “Saberes-Ser” para os três Graus de treinadores.

**Quadro 4: Necessidades de Formação por Grau de Treinador**

<b>Necessidades de Formação</b>	<b>Grau I</b>	<b>Grau II</b>	<b>Grau III</b>
Competências "saberes"	- 0.38	- 0.68	- 0.41
Competências: "saberes-fazer"	- 0.43	-0.59	- 0.62
Competências "saber ser"	- 0.27	- 0.31	- 0.38
Totais =	1.08	1.58	1.41

Em termos gerais, a maior necessidade de formação, resultante do diferencial entre a auto-perceção e a importância das competências foi encontrada no grupo de treinadores de Grau II (-0.68), relativamente às competências dos “Saberes”. Por outro lado, a menor necessidade de formação foi encontrada nos treinadores de Grau I, nas competências de “Saberes-Ser” (-0.27). Numa comparação geral entre grupos de treinadores, podemos verificar que os treinadores de Grau I são o grupo que apresenta um menor valor médio global de necessidade de formação.

Esta situação não deixa de ser estranha mas poderá ser compreensível, segundo Sullivan, Paquette, Holt e Bloom (2012), na medida em que os treinadores mais jovens ainda não conhecem toda a complexidade ao nível das competências profissionais exigidas para o exercício da profissão.

No quadro 5, podemos identificar as principais necessidades de formação em cada uma das dimensões de competências. Assim, nas competências dos “Saberes” temos:

**Quadro 5: Necessidades de Formação - Competências dos “Saberes”**

<b>NECESSIDADES DE FORMAÇÃO - COMPETÊNCIAS DOS “SABERES”</b>		
<b>Gr I</b>	Tem conhecimentos elementares sobre primeiros socorros e suporte básico de vida	0.87
	Conhece as etapas de desenvolvimento cognitivo, psicológico e motor, e as suas implicações para a prática do treino	0.68
<b>Gr II</b>	Tem conhecimentos nutricionais aplicáveis à otimização do processo de treino e de competição	1.10
	Tem conhecimentos sobre os procedimentos de organização e avaliação do desempenho da equipa técnica	0.96
<b>Gr III</b>	Tem conhecimentos das ciências do desporto e das inovações tecnológicas associadas à otimização do processo de treino desportivo	0.42
	Tem conhecimentos acerca dos fatores determinantes do rendimento desportivo de alto nível e dos respetivos processos de potenciação	0.40

No que diz respeito aos treinadores de Grau I, podemos destacar as maiores necessidades de formação na área dos primeiros socorros (0.87) e do conhecimento das diversas etapas no domínio do desenvolvimento cognitivo, psicológico e motor (0.68). Neste estudo, tal como acontece no estudo de Carvalhinho et al. (2014), é fundamental o domínio dos aspetos de segurança e o saber intervir ao nível do socorrismo, tendo em conta as diferentes etapas de desenvolvimento das crianças e dos jovens praticantes.

Em relação aos treinadores de Grau II, destacamos as necessidades de formação relacionadas com os conhecimentos de nutrição aplicáveis à otimização do processo de treino desportivo (1.10) e dos conhecimentos associados aos aspetos organizacionais e de avaliação das equipas técnicas (0.96).

Por fim, os treinadores de Grau III, manifestam maiores necessidades de formação ao nível dos conhecimentos na área das ciências do desporto e das inovações tecnológicas (0.42), e por outro lado, ao nível do alto rendimento e respetivos processos de potenciação (0.40).

**Quadro 6: Necessidades de Formação - Competências dos “Saberes-Fazeres”**

<b>NECESSIDADES DE FORMAÇÃO - COMPETÊNCIAS DOS “SABERES-FAZERES”</b>		
<b>Gr I</b>	Aplica técnicas elementares de primeiros socorros e de suporte básico de vida e identifica os Estados traumáticos que justificam o recurso a agentes especializados	0.79
	Participa no recrutamento de praticantes para a prática da modalidade desportiva	0.57
<b>Gr II</b>	Aplica técnicas elementares de primeiros socorros e de suporte básico de vida e identifica os estados traumáticos que justificam o recurso a agentes especializados	1.35
	Participa na construção da carreira desportiva dos praticantes, zelando pelo respetivo desenvolvimento a longo prazo e promove o registo da informação pertinente para a monitorização da carreira desportiva do praticante	0.77
<b>Gr III</b>	Participa na integração de contributos científicos e tecnológicos de vanguarda no processo de treino e contribui para a estimulação da atividade de investigação científica aplicada ao treino	0.64
	Concebe e coordena a implementação de planos de carreira desportiva com vista à otimização da capacidade de rendimento dos praticantes	0.52

Os treinadores de Grau I apresentam também como maiores necessidades de formação, o domínio dos conhecimentos na área dos primeiros socorros (0.79), e a falta de participação ao nível do recrutamento de outros praticantes (0.57).

Também nos treinadores de Grau II, a área dos primeiros socorros é salientada como grande necessidade de formação por parte dos treinadores (1.35), além da participação no desenvolvimento da carreira desportiva dos praticantes (0.77).

Em relação aos treinadores de Grau III destaca-se a necessidade de uma maior integração na componente de investigação (0.64) e também na coordenação das carreiras desportivas dos praticantes com vista à otimização do rendimento (0.52).

Alguns destes aspetos também foram destacados por Figueiredo (1997), nomeadamente, na importância de efetuar uma investigação mais aplicada ao contexto e à especificidade das modalidades desportivas.

**Quadro 7: Necessidades de Formação - Competências dos “Saberes-Ser”**

<b>NECESSIDADES DE FORMAÇÃO - COMPETÊNCIAS DOS “SABERES-SER”</b>		
<b>Gr</b>	Valoriza a participação efetiva de quem assume responsabilidade parental no apoio e acompanhamento da atividade desportiva dos praticantes	0.43
<b>I</b>	Assume atitudes e comportamentos que dignificam a figura do praticante desportivo	0.28
<b>Gr</b>	Promove o relacionamento interpessoal na prática desportiva, com vista ao desenvolvimento de um bom nível de colaboração, especialmente no que se refere ao suporte parental	0.50
<b>II</b>	Desenvolve, nos praticantes, atitudes e comportamentos deliberados consentâneos com as exigências da prática desportiva a longo prazo	0.42
<b>Gr</b>	Promove a integração e o desenvolvimento do conhecimento científico aplicado ao treino	0.44
<b>III</b>	Incentiva a promoção de saberes e competências dos intervenientes no fenómeno desportivo na sua esfera de intervenção profissional	0.36

No quadro 7, é possível identificar que os treinadores de Grau I, sentem maiores necessidades de formação na relação com os familiares dos atletas (0.43), e na valorização comportamental dos praticantes desportivos (0.28).

Nos treinadores de Grau II também se verificam necessidades semelhantes, i.e., ao nível da integração parental dos praticantes (0.50) e da sua postura comportamental (0.42).

Em relação aos treinadores de Grau III, verifica-se novamente uma maior necessidade para o domínio e promoção do conhecimento científico aplicado (0.44), e em simultâneo, a necessidade de promover saberes para melhorar a sua intervenção profissional (0.36).

Durante as últimas décadas, diferentes modelos de formação de treinadores foram aplicados, demonstrando, ao longo deste tempo, as suas boas e menos boas

características. Nesse sentido, um bom treinador deverá ter uma forte personalidade, carisma e demonstrar elevado nível de competências e exemplos predominantemente positivos para os seus atletas. Por outro lado, Meinberg (1991) citado por Marques (2000) refere que os treinadores não se devem basear apenas na sua intuição e inspiração, para obter resultados. Desse modo, um dos aspetos mais importantes é conseguir “detetar” as necessidades de formação dos treinadores.

## **CONCLUSÕES**

Os resultados obtidos neste estudo permitem-nos refletir sobre o tema da formação de treinadores, na medida em que são identificadas as principais necessidades de formação evidenciadas pelos treinadores de basquetebol, tendo em conta os diferentes níveis profissionais em que se encontram, i.e., nos diversos Graus de treinador.

Assim, considerando uma boa representatividade dos treinadores de basquetebol em Portugal neste estudo (cerca de 70% do total de treinadores de basquetebol a exercer atividade em Portugal), podemos concluir que, este grupo profissional apresenta-se bastante jovem e com poucos anos de experiência profissional. Destaca-se também a elevada formação académica na maioria dos treinadores, o que pode traduzir-se num importante indicador para o desenvolvimento da modalidade. Por outro lado, cerca de metade dos treinadores desempenham a sua profissão principal numa área fora do desporto, o que pode trazer alguma limitação no envolvimento profissional.

Em termos de necessidades de formação é possível concluir o seguinte:

Em todos os grupos de competências estudados, existe uma efetiva necessidade de formação para os três grupos de treinadores (Grau I, II e III), verificando-se uma certa tendência para, quanto maior for o Grau de treinador, menor será o seu nível de auto-perceção e menor será a importância atribuída às respetivas competências;

De um modo geral, as maiores necessidades de formação encontram-se nos treinadores de Grau II, e as menores necessidades de formação encontram-se na dimensão das competências dos “Saberes-Ser” para os três grupos de treinadores;

Nos treinadores de Grau I, as maiores necessidades de formação estão associadas à área dos primeiros socorros, ao relacionamento com os familiares e à postura comportamental dos praticantes;

Em relação aos treinadores de Grau II, salienta-se também a área dos primeiros socorros, os conhecimentos nutricionais e a gestão comportamental dos praticantes; Por fim, nos treinadores de Grau III, destaca-se uma maior necessidade para o conhecimento científico e tecnológico, gestão de carreiras desportivas e otimização do rendimento desportivo.

Esperamos que o estudo apresentado possa ser útil para o desenvolvimento dos processos de formação dos treinadores em geral, e em particular, para a ENTB e ANTB, as quais, mais uma vez se agradece a importante colaboração prestada na realização deste estudo.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Andrade, R. (2009). *Importância atribuída, auto-percepção e necessidades de formação do treinador de Basquetebol sobre os conhecimentos e competências profissionais*. Monografia da Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade de Porto, Porto.

Carvalhinho, L., Rodrigues, L., Nunes, G. & Rosa, P. (2014). *Formação de Técnicos (Treinadores) de Grau I de Desportos de Natureza. Estudo das Competências Profissionais*. Em, 2º Congresso da UIIPS, Santarém, 6 e 7 fevereiro.

Figueiredo, A. (1997). A Formação de Treinadores no Desporto Federado – O Treinador no Segundo Milénio. II Congresso de Gestão do Desporto – Comunicações, APOGESD, Lisboa, 1997, pp 113-121.

Fraayenhoven, F. (2010). Developments in coaches education. *ITF Coaching and Sport Science Review*, 50(18), 19-20.

Freixo, M. (Ed.). (2011). *Metodologia Científica – Fundamentos, Métodos e Técnicas*. (Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade. ed.). Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

Lopes, A. (2009). *Concepções pessoais sobre a formação e a actividade do treinador. Estudo de caso de um Treinador Expert em Basquetebol*. Monografia da Licenciatura, Faculdade de Desporto da Universidade de Porto, Porto.

Marques, A. (2000). As profissões do corpo: O Treinador. *Revista Treinamento Desportivo*.

- Mesquita, I., Borges, M., Rosado, A., & Batista, P. (2012). Self-efficacy, perceived training needs and coaching competences: The case of Portuguese handball. *European Journal of Sport Science*, 12(2), 168-178.
- Mesquita, I., Isidro, S., & Rosado, A. (2010). Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 480-489.
- Nash, C., & Sproule, J. (2009). Career Development of Expert Coaches. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(1), 121-138.
- Resende, R., Mesquita, I., & Romero, J. (2007). Caracterização e representação dos treinadores acerca da formação de treinadores de Voleibol em Portugal. *Lecturas, Educación Física & Deportes*, 12 (112). Retrived from: <http://www.efdeportes.com/efd112/formacao-de-treinadores-de-voleibol-em-portugal.htm>.
- Resende, R. (2011). Conhecimentos e competências de formação do treinador de crianças e jovens. In A. A. Machado & A. R. Gomes (Eds.), *Psicologia do Esporte - da escola à competição* (pp. 181-209). S. Paulo: Editora Foutoura.
- Resende, R., Fernández, J., & Mesquita, I. (2011). Contextualização dos processos formativos do treinador desportivo. In A. Albuquerque, C. Pinheiro, N. Fumes, & L. Santiago (Eds.), *Educação Física, Desporto e Lazer: Perspectivas Luso-Brasileiras – 3º Encontro* (pp. 443-456). Maia: Edições ISMAI.
- Rosado, A., & Mesquita, I. (2007). A formação para ser treinador. In *Actas do Congresso Internacional de Jogos Desportivos (1º. Porto, 2007). Olhares e contextos da performance ao rendimento, Secção conferências [CDROM]*.
- Rynne, S., & Mallett, C. (2012). Understanding the work and learning of high performance coaches. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 17(5), 507-523.
- Saiz, S., & Calvo, A. (2009). El mentoring como medio formativo en la educación del entrenador de baloncesto. Mentoring in basketball coach education. *International Journal of Sport Science*, 5(15), 36-45.
- Santos, A. (2009). *Competências Profissionais do Treinador de Desporto. Análise da valorização, auto-percepção e necessidades de formação*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto.

Santos, P. (2005). *A Percepção dos Treinadores de Basquetebol acerca da sua própria Formação. Estudo exploratório em treinadores da Associação de Basquetebol do Porto*. Monografia da Licenciatura, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade de Porto, Porto.

Santos, S., Mesquita, I., Graça, A. & Rosado, A. (2010). Coaches' perceptions of competence and acknowledgement of training needs related to professional competences. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 62-70.

Stoszowski, J., & Collins, D. (2012). Communities of practice, social learning and networks: exploiting the social side of coach development. *Sport, Education and Society*, 1(16).

Sullivan, P., Paquette, K., Holt, N., & Bloom, G. (2012). The Relation of Coaching Context and Coach Education to Coaching Efficacy and Perceived Leadership Behaviors in Youth Sport. *The Sport Psychologist*, 26, 122-134.

Williams, S., & Kendall, L. (2007). Perceptions of elite coaches and sports scientists of the research needs for elite coaching practice. *Journal of Sports Sciences*, 25(14), 1577 – 1586.